

# Rouanet e o Barroco revisitado

*Denise Maurano*



## resumo

Meu encontro com Rouanet se estreitou pela via de nossa afinidade de interesse pelo Barroco como expressão estética que muito se afina com a ética da psicanálise, e pelo barroquismo como uma chave de entendimento acerca da construção da cultura brasileira, contemplando o modo como aqui se deu a absorção de elementos antitéticos que, como ele ressalta, combinam o humanismo renascentista com a religiosidade mais exaltada, a carne com o espírito, o hedonismo com a santidade, a terra com o céu.

**Palavras-chave:** Barroco; cultura brasileira; ética; psicanálise.

## abstract

*My meeting with Rouanet came about through our affinity of interest in the Baroque as an aesthetic expression that is very much in tune with the ethics of psychoanalysis, and in baroqueism as a key to understanding the construction of Brazilian culture, contemplating the way in which it took place here the absorption of antithetical elements that, as he highlights, combines Renaissance humanism with the most exalted religiosity, the flesh with the spirit, hedonism with holiness, the earth with the sky.*

**Keywords:** Baroque; Brazilian culture; ethics; psychoanalysis.

**T**endo em vista a honra da participação no I Colóquio do Instituto Rouanet, passei a semana que o antecedeu, semana da Páscoa, com Rouanet, revisitando suas obras, conferências, entrevistas, um deleite! E para compor minha fala, achei por bem dialogar com ele através do presente que ganhei com sua preciosa apresentação de meu livro *Torções: a psicanálise, o Barroco e o Brasil* (2011).

Rouanet abre a apresentação desse livro surpreendido pela inovação promovida pelo agradecimento que faço ao meu cachorro Sultão, dentre a lista dos que me ajudaram. Porém, é ele que inova, quando desdobra, a partir disso, fecundas considerações impensadas por mim.

Situa a inclusão de Sultão como significante ponte, dado que “o cão está ao mesmo tempo no campo do Barroco, porque é a representação alegórica do *homo baroccus*, dominado pela melancolia e pela busca incessante do saber” (em sua prática farejante), “e no campo da psicanálise, porque fornece, em sua simplicidade, a imagem invertida desse ente complicadíssimo que é o *homo freudianus*, condenado à divisão, à incompletude e ao paradoxo” (Rouanet, 2011, p. 10).

No cão, as emoções são simples, sua agressividade não tem a complicação de ser alimentada por nosso ressentimento contra a civilização. Rouanet situa o cão

---

**DENISE MAURANO MELLO** é psicanalista, professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e autora de, entre outros, *Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos* (Aller Editora).

do lado da natureza, e o homem, como “ser anfíbio, natural e social ao mesmo tempo, forçado à vida social por sua fragilidade biológica, ressentido contra a civilização porque ela lhe impõe o sacrifício de suas pulsões eróticas e agressivas” (Rouanet, 2011, pp. 9-10).

Ele percebe rapidamente que, nesse livro, o pivô da articulação entre o Barroco e a psicanálise encontra-se numa discussão sobre o que vem a ser o gozo, que, como bem captou Rouanet (2011, p. 10), “não é a mesma coisa que o prazer e não se esgota na satisfação sexual”. Trata-se de uma satisfação paradoxal. Dirige-se a uma tentativa permanente de ultrapassar limites.

Esse conceito introduzido por Lacan, através do qual propõe um avanço em relação ao campo freudiano do desejo, além de nos fornecer uma lente para ver a cultura em suas dinâmicas de gozo, evidencia um universo de possibilidades de articulações clínicas e teóricas para a psicanálise como um todo. E em se tratando de gozo, a expressão barroca na arte, exhibe belas “mostrações”. Se o Barroco é o mundo do paradoxo, da dialética sem síntese, da tensão incessante entre elementos contraditórios, como o sagrado e o profano, a vida e a morte, a essência e a aparência, o interior e o exterior, a cura psicanalítica acolhe a paradoxalidade do inconsciente, onde os contrários coexistem e não há negação. Afinal, o trabalho clínico visa acionar a função do Nome-do-Pai – função que estrutura o universo simbólico – naquilo que essa função não operou a contento, trazendo o custo do adoecimento, mas, ao mesmo tempo, essa cura pretende levar o

sujeito a ousar ultrapassá-la, facultando-lhe o acesso para um campo além das garantias simbólicas.

É verdade que essa visão traz uma certa convocação à vertigem, diante da qual Rouanet não recuou. A tontura dela decorrente é inevitável. E, dependendo da maneira como manejamos esse movimento, obteremos uma queda ou uma dança, dessas que têm a vocação de nos fazer voar, volatilizando o peso do corpo. Pois bem, convido-os a uma dança que implica um acolhimento particular na forma de lidar com o saber. Convido-os a uma experiência.

À dualidade sexual, proposta por Freud, indicando a bissexualidade como presente, de algum modo, em todos nós, Lacan justapõe uma dualidade de gozos. Um gozo sexual fálico e um gozo Outro, feminino, não sexual. Situou como gozo sexual aquele que se apoia na linguagem, no que podemos articular em representações. Gozo presente na afirmação fálica do si mesmo, como meio de distinção, de diferenciação. “Eu sou isso! Eu sou o cara! Eu sou a mais bela!” Toda uma cultura se organiza linguística e simbolicamente em torno do falo, que, pela figuração imaginária do pênis ereto, opera enquanto significante da fertilidade, via pela qual o homem desde os primórdios busca capturar para o que cria como cultura, a potência da natureza, seja tentando apropriar-se do saber que faz frutificar o solo, ou engendrando o saber relativo à filosofia e à ciência.

O falo torna-se, assim, *linga*, em sânscrito, o que se destaca, signo distintivo pelo qual se pode reconhecer a natureza de alguma coisa. Torna-se unidade de

medida que organiza o psiquismo indicando, ao mesmo tempo, o que nos falta. Afinal, ninguém tem o falo, ninguém tem a plena potência, e, por nos faltar, nos constitui como sujeitos desejantes do que não temos.

É nesse sentido que esse gozo, que é meio de delimitação identitária para nós, independentemente das diferenças entre os sexos, ou de nossos meios de nos identificarmos, por mais bem-sucedido que seja, revela-se sempre insuficiente. E, dada essa insuficiência, algo em nós resiste à secção imposta pelo sexual.

Será essa insuficiência que abre o canal para a hipótese da existência de um gozo mais além do sexual, suposto ao feminino. Um feminino que não está propriamente identificado às mulheres, no sentido empírico de nossa existência, mas ao campo do feminino, campo fora do sexo, remetido a um gozo Outro, mais além do princípio do prazer, onde a chamada pulsão de morte, aspirando à disjunção, à indiferenciação, à não delimitação, convoca Eros não ao trabalho conjuntivo de fazer Um, recortando-se do Todo, mas de entregar-se ao Todo, na direção do indelimitado.

Nessa perspectiva, se o campo simbólico é destinado a traçar distinções, onde cada termo, extraído de uma indiferenciação originária de sons, se estrutura pela confrontação de pares antitéticos – claro, opondo-se a escuro; doce, opondo-se a salgado e assim por diante –, esse campo que proponho chamar de feminino, por referência a esse gozo Outro, refere-se ao que excede os limites encontrados pelo universo fálico da representação, rumo à indiferenciação originária.

Esse campo, porém, não é destituído de saber. Nele se opera um saber-fazer, *savoir-faire*, implicado na ação, que não é senão a ação da vida. Saber transmitido por algo de vivo, que tange o limite da representação. Saber irrepresentável, mas nem por isso impossível de ser apresentado. O que se dá pela experiência imediata de revelação que se evidencia pelos efeitos que provoca em nós, ainda que sem a mediação da linguagem.

Se, por um lado, isso pode implicar em loucura, uma face terrível do gozo feminino, tal qual se passa na experiência de “empuxo ao feminino”, numa entrega ao gozo do Outro, como se dá no famoso caso descrito por Freud (1911) do juiz Schreber, que em seu surto psicótico vivencia o horror de uma desfalicização absoluta, via uma emasculação não consentida, por outro lado, a experiência consentida de ultrapassagem dos limites simbólicos pode ter destinos mais exultantes, como nos casos em que nos dão testemunho certos místicos, como São João da Cruz, entre outros, e ainda algo que diz respeito à experiência de criação, dentre outros modos de vivência da comunhão com o universo (Maurano; Albuquerque, 2019).

O Barroco, em seu espírito viajante, valendo-se do corpo para presentificar a alma, é meio de expressão tanto do gozo quanto desse saber feminino, que por sua vez é transgressivo, celebra a fecundidade da linha curva, do côncavo, do não proeminente, do não fálico. Convoca o olhar ao que está fora da cena. Nesse sentido, nos serve como alavanca metodológica, para potencializar a transmissão do campo que se abre com a hipótese

desse enigmático gozo feminino. Gozo em corpo, *en corps*, que sonoriza na língua francesa com *encore*, ainda – gozo ainda. Modo como foi intitulada a obra de Lacan que trata desse tema, na qual focaliza o Barroco não apenas como seu estilo, mas como afeito à matéria paradoxal com a qual trabalhamos na psicanálise. Aliás, o paradoxal vige também na arte trágica, cuja estrutura, na qual o conflito não se dilui, mas intensifica a afirmação da potência da vida com tudo que nela há, serve também para pensar a ética da psicanálise, que tem com essa arte profundas afinidades. E nisso estamos bem longe do pessimismo.

A pressuposição desse campo do feminino coloca-se para nós como uma alegoria, dada sua amplitude. E é importante acentuar que, nesse sentido, o feminino não coincide com as mulheres, no sentido empírico de nossa experiência cotidiana. Mas alude à alteridade radical. Não se trata de fazer existir o “ente” feminino enquanto tal. Na verdade, a pressuposição desse campo comparece como o que fura, desconstrói nossa ambição de unificação, identidade sexual, apontando uma dimensão que excede a essa visada e nos conecta com o mais íntimo da natureza em nós, nos convocando a uma comunhão com o Todo, seres orgânicos e inorgânicos. Comunhão com a Mãe Terra, como a filosofia ameríndia já indicava (Maurano, 2023).

Ele implica esse questionamento do Um, do total, do integral, disso que o Eu se esforça por cernir na agonia de sua impotência. Indica um tipo de universal que não constitui totalidade. Nesse sentido, a ética do feminino pode ser pensada como afeita à ética da psicanálise.

Sugere que não se perca de perspectiva a dimensão inapreensível do real que sempre está em jogo, em tudo o que é do humano, porque é ineliminável de nossa existência. Ou seja, há algo de imponderável que não entra em nenhuma camisa de força, razão pela qual Alain Didier-Weill (2010) situa os psicanalistas como embaixadores do infinito.

É bem verdade que pensar o Barroco como uma apologia da sensibilidade destituída das luzes da razão é tão equivocado quanto pensar o inconsciente como o império do caos e da irracionalidade. O *chiaroscuro*, claro-escuro, que opera na obra barroca, faz o jogo da revelação e encobrimento, do lado sombrio e do lado solar que compõem a vida. Esse tipo de expressão na arte, que toma o caráter de um modo de orientação do psiquismo, não nega o apelo à ordem e ao equilíbrio, visado por todos nós, mas sustenta essa perspectiva em uma suspensão inerente à vida, que em seu dinamismo não deixa espaço para uma palavra definitiva.

Essa perspectiva, que nos retira da pretensão de dominação, nos convoca a, não apenas, sofrermos com esse real indomesticável que impõe limites aos nossos feitos, mas a operar de modo a contar com ele, revelando tanto os limites de nossos feitos, quanto as relações recíprocas entre o que somos como seres vivos e todo o universo de outros seres orgânicos e inorgânicos dos quais depende nossa existência, inclusive psíquica. Nesse horizonte, nossa existência é apenas uma partícula mínima de um universo muito maior no qual estamos todos engajados.

Parece que focamos um bocado na dimensão subjetiva de nossa existência

psíquica, e isso tem, sem dúvida, seu valor. Mas todo esse percurso de pesquisa sobre a subjetividade, do qual a psicanálise é tributária, talvez deva se estender para o que sugiro nomear como dimensão ecológica do psiquismo. Até porque não podemos esquecer que, etimologicamente, sujeito é *sub-jectum*, isto é, posto debaixo, ou mesmo, *sub-objeto*, e aqui podemos ressaltar que ele não é apenas suportado pelo desejo do Outro, na imensa corrente que nos referenda como humanos, mas pelo Real, do qual, inexoravelmente, ele é parte, já que sofre seus efeitos.

Talvez essa hipótese acerca desse campo do feminino, indicando o que nos origina e nos ultrapassa, na nossa especificidade humana, possa bem-dizer nossa relação com uma experiência que, revelando nossa inconsistência subjetiva, nos predisponha a uma outra forma de lidar com a natureza em nós, tanto física quanto psiquicamente. Se trabalhamos tanto com a subjetividade, e com as defesas do Eu, de modo a tocarmos nisso que foi designado por Freud como rochedo da castração, para aludir ao ponto no qual recuamos por medo de nos havermos com nossos limites subjetivos, talvez, no passo dado pelo que se afigura como dessubjetivação, na proposta lacaniana para o fim de análise, que coloca o feminino em perspectiva, possamos encontrar não apenas a relação à queda subjetiva, mas a conexão com o que talvez seja interessante que designemos por ecologia psíquica.

Se a ecologia constitui o estudo das relações recíprocas entre os seres orgânicos e inorgânicos, o acolhimento das reverberações de tais relações no psiquismo talvez possa implicar uma atitude

que minimize nossa prepotência subjetiva, via pela qual subjugamos o mundo e os objetos, intentando uma dominação nefasta na qual a agressão à mãe natureza revela certamente o repúdio ao feminino que é expressão do Real em nós.

Obviamente, não se trata de negar a dimensão subjetiva do psiquismo, mas de reconhecer uma experiência que a filosofia ameríndia aponta como a energia, a potência da vida que está em tudo, nos transcendendo. E, nesse caso, se sobrepondo ao sujeito que somos. Nesse sentido, a vida evolui em tudo, ela passa pelos corpos e isso não representa nenhuma progressão, apenas é.

Em uma bela entrevista com o líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor Ailton Krenak, realizada pelo canal Agenciamentos Contemporâneos, mediada pela psicanalista Suely Rolnik, Krenak, citando o cientista Antônio Nobre, sublinha que o que se descobriu acerca da “info-rede florestal”, ou seja, acerca da interação subterrânea que conecta todas as árvores de uma floresta, é expressão de Gaia, organismo vivo da Terra, expressão de um amor incondicional. A potência da vida, sempre em evolução e não em progressão, se expressa em todo um universo de sensibilidade de seres orgânicos e inorgânicos. A vida passa pelos corpos. Os corpos são meios de passagem da vida que os atravessa. Nesse sentido, eu me pergunto: se somos parte do ecossistema terrestre, por que o psiquismo não teria uma conexão com isso que não diz respeito ao “especifismo” do humano?

Nós, seres humanos cheios de si, montados como sujeitos, não somos o último

biscoito do pacote da vida, último ponto de evolução; somos parte de um ciclo por onde a vida circula, ciclo este que inclui a morte como parte do processo. Como diz o líder indígena, “a experiência do especificismo do humano é uma prisão”. O privilégio que nos demos em detrimento de todos os outros seres acabou por configurar um pacto de extinção de nossa própria espécie. Se comemos o planeta, como podemos habitá-lo? E não adianta imaginar que, se acabarmos com este, construiremos outro, com nossos avanços tecnológicos mirabolantes. Nosso criacionismo, que é também muito bem-vindo, não deveria se colocar como negação do Real que nos ultrapassa. Deveria ser *fazer com o Real* e não tentar negá-lo como se pudéssemos configurá-lo ao nosso bel-prazer, ao nosso serviço.

Nossa extinção como espécie é um destino não apenas possível, como extremamente provável e iminente, se tomarmos em consideração o tempo que estamos na Terra e o que nos resta se seguirmos com a degradação que causamos ao meio ambiente nos últimos tempos. Pensamos que nos ocuparmos dos direitos humanos basta para melhorarmos a qualidade da existência. Porém nos esquecemos que nossa existência é condicionada pela existência do planeta. Planeta este que estamos consumindo vorazmente, num extrativismo louco que rege nossa concepção truncada de civilidade e progresso. Faz-se urgente uma revisão civilizatória.

Esquecemos que a vida, no que ela tem de mais essencial, é selvagem, como Krenak propõe no ensaio *A vida é selvagem*. Na entrevista, ele defende a ética do viver e produzir vida, e não abusar da

vida, consumindo-a. A vida não precisa ser consumida. Ela é fruição, é dança cósmica. Apresenta-se em nós, como apresenta-se de diferentes maneiras em tudo o que nos rodeia, nos articulando seja com o pássaro que revoa à nossa frente, seja com a montanha que avistamos. A vida, como um sopro que nos anima, nos transporta a uma dimensão da existência que nos atravessa e excede ao que identificamos como nós mesmos.

Penso que a fruição que vigora nessa experiência indicada por ele está a léguas de distância do que referimos como gozo fálico, mas associa-se, possivelmente, ao gozo feminino, gozo Outro, aqui tratado. Esse não pode ser mensurado, monetizado, formatado para ser consumido em massa. Pressupõe um desprendimento, uma doação, uma entrega, como eu costumava dizer, na qual o sujeito fica em suspensão, não é ele que preside a experiência, aliás ela é, sem que nada a garanta. A verdade é que estamos tão capturados por um único modo de vida, e tão viciados num modo de fruição *prêt-à-porter*, que olhamos com descrença e desdém para tudo que nos descentre de nosso próprio umbigo.

Krenak menciona ainda uma noção de belo presente no termo *ecoporan*, que identifica o belo e o bom como a via por onde a vida respira. Isso me reportou imediatamente a uma concepção kantiana de belo, na qual podemos ler que um corpo não é belo pelo que ele é de modo singular, mas pelo fato de sua forma poder remeter a toda uma espécie. Ou seja, posso entender que, por sua forma “exemplar”, a vida respira, remetendo a outras vidas. Assim, o belo é a dimensão na qual um objeto não se encerra

nele mesmo, mas exala a vida para além dele, inspira a “pró-criação”. Mencionando os desenhos no corpo utilizados pelos indígenas, Krenak salienta que estes são espectros, ideogramas que se conectam com o que está à volta, via pela qual eles se colocam como caçadores de beleza. Uma beleza que, muito diferentemente de vetorizar para o Um, dirige-se a uma conexão com o que os ultrapassa.

É nessa ultrapassagem, nessa transcendência, que encontramos pontos que remetem ao que estou tentando designar como campo do feminino, no qual sua ética própria é indissociável de uma estética, e reverbera numa política do não todo.

Para finalizar, retomando Rouanet, ele alega que ao dilema freudiano que está na base do mal-estar da civilização, que consiste em que o homem nem pode sobreviver fora da civilização, nem deixar de aspirar à liberdade absoluta do estado de natureza, alude em minha proposta uma aproximação às ideias de Marcuse sobre a

possibilidade de ultrapassar o atual princípio de realidade, masculino, fundado no rendimento e na competição, em direção a outro princípio de realidade, “matriarcal”, baseado no predomínio de Eros, que nesse mundo “feminizado” deixaria de opor-se à pulsão de morte.

Rouanet conclui seu Prefácio dizendo:

“[...] faço votos para que o feminino tenha forças para sabotar por dentro a cultura masculina que hoje devasta o planeta, e que parece ter degenerado num priapismo enlouquecido [...]. Esse universo em que não existe lugar para o feminino é o universo homossexual dos irmãos da horda primitiva, antes da rebelião contra o Pai. Está na hora de dissolver a homogeneidade da horda, introduzindo em toda a parte a subversão e a diferença – nas massas, nas nações e nas comunidades étnicas e religiosas” (Rouanet, 2011, p. 17).

Que assim seja...

## REFERÊNCIAS

- DIDIER-WEILL, A. *Un mystère plus lointain que l'inconscient*. Paris, Flammarion, 2010.
- FREUD, S. "Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente", in *Obras completas*, v. XXII. Buenos Aires, Amorrortu, 1987, pp. 1-73.
- KANT, E. "Analítica do belo", in *Textos selecionados*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- KRENAK, A. *Entrevista a Ailton Krenak: filosofia ameríndia por um outro modo de pensar e viver*. Canal de Agenciamentos Contemporâneos. Disponível em: [https://youtu.be/g4\\_hnApXhrU](https://youtu.be/g4_hnApXhrU).
- KRENAK, A. *A vida é selvagem*. Rio de Janeiro, Dantes Editora Biosfera, 2020.
- MAURANO, D. *Torções: a psicanálise, o Barroco e o Brasil*. Curitiba, Editora CRV, 2011.
- MAURANO, D.; ALBUQUERQUE, B. "Lacan e a experiência mística à luz da psicanálise". *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 3, set./2019.
- MAURANO, D. *Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos*. São Paulo, Aller Editora, 2023.
- ROUANET, S. P. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1990.
- ROUANET, S. P. "Apresentação", in D. Maurano. *Torções: a psicanálise, o Barroco e o Brasil*. Curitiba, Editora CRV, 2011, pp. 9-18.